



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Poesia Completa 1979-1994', de Luís Miguel Nava]

José Pedro Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

José Pedro Ferreira, "[Recensão crítica a 'Poesia Completa 1979-1994', de Luís Miguel Nava]", *Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 439-440.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

que não são sequer índices materiais da Revolução, mas que estão em vez da Revolução. Mas somente porque se equacionou o real por aquela, à maneira de um trauma — ou de um *não-ser* pensado como «acaso do possível», a que se acharam afinidades na arte (p. 77).

Cultivando o resto e a relíquia — e desprezando-se por isso —, a revisitação da poesia reivindica na poesia visitada a exigência romântica de que toda a nossa experiência da vida deve ser de carácter baptismal (cf. Cavell, *Must We Mean What We Say?*). Exigi-lo parece agora depender da desconceituação e do menoscabo das formas históricas dessa exigência. Na impossibilidade do começo contínuo, o sujeito da poesia põe-se justamente à mercê do «acaso do possível». Como «inferência do real», o «instante lírico» torna-se a medida e o cânone interno da revolução que faz desaparecer o sujeito no seu *instante* — no seu colapso que seria, enfim, o das rotinas do mundo.

Américo António Lindeza Diogo

LUÍS MIGUEL NAVA

POESIA COMPLETA 1979-1994

Prefácio de Fernando Pinto do Amaral

Organização e posfácio de Gastão Cruz

Lisboa, Publicações Dom Quixote/2002

Poesia Completa 1979-1994 reúne toda a obra poética de Luís Miguel Nava (1957-1994). O volume inclui ainda quatro poemas inéditos, recuperados do espólio do Autor, conforme indica a nota de abertura, assinada por Fernando Pinto do Amaral e Gastão Cruz.

A presente edição, de novo tornando o poeta acessível ao público, reafirma o lugar de relevo que a obra de Luís Miguel Nava ocupa na produção poética portuguesa do último quartel do século XX, como aliás tem sido notado por diversos críticos. Voz especialíssima, dela diz Gastão Cruz que é «trabalho de um artífice consumado» (p. 283), designação que resume da melhor forma a «extrema criatividade metafórica [...] uma vontade narrativa [...] e ainda uma extrema vigilância do fluxo discursivo» (p. 19), que Pinto do Amaral, no prefácio, considera vectores essenciais da escrita de Nava.

Acerca da poesia, no volume de ensaios intitulado *O Pão, a Culpa, a Escrita e Outros Textos* (1982), diz Luís Miguel Nava que deve através da «*recorrência* e [da] *sugestão* [...] apelar para algo que *excede o sentido*», noção que encerra muito daquilo que por «via emocional» guardamos (p. 16). Esta ideia de poesia, apresentada por contraste com a narrativa, entronca noutra, em que define a literatura como «efeito de lei-

tura» (p. 27), referida num dos ensaios do livro citado: o «sentido será, nesta perspectiva, tudo o que nós percebemos, quer por via intelectual, quer através da pele ou através do coração» (*ibid.*).

De facto, é esta noção de palavra motivada pela realidade, de «palavra ampola» (p. 37) a que o sujeito empresta a densidade e a espessura necessárias, que lhe permite re-criar a mesma realidade. Também por via de algumas propriedades mágicas de tal «ampola» nos sentimos obrigados a permanentemente ler, voltar atrás, reler, encontrando ecos, vestígios e correspondências imagéticas de poema para poema, como se este, ou a literatura, não fosse mais (será?) do que o jogo insinuado em «Xadrez»: «Às vezes entretenho-me a sentir cada palavra minha transformar-se em tantas quantas as pessoas que me escutam. As palavras multiplicam-se, irradiam, ficam-lhes no espírito como esses pássaros que, entrando em nossas casas, se debatem horas infinitas contra os vidros.» (p. 135.) Talvez então possamos dizer que, nesta poesia, a palavra mantém relações muito próximas com a visão, fazendo dela uso como se fosse um instrumento cirúrgico, com o objectivo de substituir o que é visto, o real (ou a letra, no caso do leitor), por outra figura. Procurar o que está para lá dos «vidros», da letra ou do real, será o esforço exigido.

O jogo repete-se, tem várias partidas, não tivesse o «tabuleiro» que é este livro espelhos levantados nos seus quatro cantos, quase como um terceiro jogador — a «candeia» — que nos obriga a reequacionar os lances de interpretação: «Poisei na margem desta folha uma candeia, para que se tornassem mais claras as palavras deste texto [...] de tal forma que, se eu falar das praias, por exemplo, o próprio olhar dos leitores torna visíveis os contornos dos banhistas.» (p. 169.) A ironia que, muito subtilmente, transpira do poema fala-nos de um «dar a ver que é, antes de mais, visão primeira para o poeta. A função da palavra, enquanto instrumento cirúrgico, é realizar uma operação plástica no espaço do corpo, processo que lhe permitirá «abrir o peito, expor todas as vísceras» (p. 135). A mesma palavra, exsudação corporal, vê-se assim transformada numa espécie de máquina, capaz de reproduzir o corpo e, em simultâneo, ampliar as suas faculdades, ao criar-lhe, a partir de fora, o acesso ao interior.

Em sintonia com o seu tempo e notando «o desconhecimento em que, não raro, mergulhamos no que toca ao nosso corpo» (p. 174), Luís Miguel Nava elege-o como matéria poética, para nos dar uma das mais violentas e enigmáticas imagens que dele podemos encontrar na poesia portuguesa. Desta escolha, poderíamos dizer que entretém semelhanças com o trabalho fotográfico de Robert Mapplethorpe sobre

o próprio corpo, de que *Autoportrait* (2000) é exemplo, numa exploração das fronteiras sensoriais do prazer, que é também ultrapassagem dos limites corporais. De facto, além de o primeiro título de Luís Miguel Nava — *Películas* — indiciar uma série de «ligações perigosas» com a fotografia, cada um dos seus poemas parece emitir uma luminosidade excessiva: «... um texto a que preciso de habituar o olhar como a uma luz mais forte.» (p. 67.)

Gerado pela visão, o poema ilumina, mesmo que essa luz se metamorfoseie em «trevas a romper / a carne» (p. 225), num registo já próximo do fim, coincidente, infelizmente para nós, com o desaparecimento do autor, mas também com o final do século. De certa forma, esta noite será também um outro modo de falar da luz, da exposição sistemática a que o corpo esteve submetido, de tal maneira que «o próprio nome era uma ferida, através da qual a carne supurava» (p. 245). Luz gerada, que ilumina mas corrrompe, esse é o reverso de um programa poético — empresto à página os meus ossos e ao escrever / é como se tivesse a mão dentro dum espelho» (p. 115) — que assume o corpo como um dos seus fetiches principais.

Se em *Rebentação* encontramos o poeta mergulhando no real, quer o mergulho seja ou não metáfora do conhecimento do corpo, em *Vulcão* deparamos com uma voz que denuncia já um certo cansaço desse trabalho. A carne luminosa dos poemas iniciais transforma-se agora em matéria corrompida por cicatrizes, fluido corporal que se expele, corpo em erupção. Apesar de finalizado, este «crepúsculo» do corpo não deixará de ser um luminoso húmus, porque nos legou os seus poemas, a cuja «rebentação» estamos expostos.

José Pedro Ferreira

LUÍS FILIPE CASTRO MENDES
POESIA REUNIDA (1985-1999)
COM O LIVRO INÉDITO
OS AMANTES OBSCUROS
Col. *Poesia*
Lisboa, Quetzal Editores / 1999

Não sei se por moda, se por mera coincidência, vários poetas revelados nos anos 80 têm-se ultimamente apressado a reunir num só volume os livros já publicados, ainda que parcos ou de poucos poemas. O fenómeno é curioso porque parece contradizer as editoras e vários publicistas quando afirmam com certa frequência que a poesia, entre nós, não se vende nem tem leitores, apesar de sermos um povo de poetas. Partindo do princípio, talvez errado, de que

essa colectânea de livros aparecida num só volume significa ter havido um número importante de compradores e, eventualmente, de leitores das obras reeditadas, somos forçados a concluir que o mercado poético satisfaz, de igual modo, poetas, editores e leitores. Será que um autor ainda jovem, na idade ou na estreia em livro, se torna mais notório uma vez aparecido em volume reunindo a sua curta ou vasta produção? Ou haverá razões poéticas que a razão prosaica desconhece?

Luís Filipe Castro Mendes, que publicou o primeiro livro, *Recados*, no ano de 1983, apresenta-nos agora *Poesia Reunida (1985-1999)* incluindo o livro inédito *Os Amantes Obscuros*. Fica fora de reunião o livro de estreia, e de *Seis Elegias e Outros Poemas* (1985) só figuram as seis elegias. Os «outros poemas» desapareceram sem qualquer justificação do Autor. Temos assim uma quase reunião dos livros de poemas — sete, no total — publicados por Luís Filipe Castro Mendes entre 1985 e 1999.

Mas há nesta prática uma indubitável vantagem tanto para o leitor como para o crítico: a possibilidade de uma visão do conjunto das obras do A. O que se nos revela então aqui? Uma poesia discreta, magoada, repleta de interrogações, em que afloram constantemente os temas do amor e da morte.

Nunca chega, porém, a haver tragédia nesta postura poética. A linguagem do Autor é sempre dirigida de uma forma comedida, sóbria e atenciosa: dir-se-ia de uma ansia expectante, uma contínua e constante espera de quem procura alcançar o que parece contudente. Assim, de maneira sibilina e leve, mas quase sempre sedutora, se encaminha este hábil discurso. O método nem sempre consegue atingir o pretendido e o que o leitor esperava: imagens forçosamente rebuscadas ou pretensamente simples vão desfigurando os versos de poemas prometedores que se afiguravam vir a ser belos. Diga-se, no entanto, e em abono da verdade, que, se estas minhas reservas se ajustam a algumas composições dos primeiros livros, deixam de ser válidas e adequadas para os publicados a partir de *Viagem de Inverno* (1993). Entretanto, talvez o A. se tenha apercebido de que os poetas esquecidos «São nota de rodapé / para a posteridade» (p. 151). Surge assim uma nova voz, timidamente agressiva, onde a ironia e um humor subtil tentam irromper. O poeta ganha ofício e a factura dos versos é mais aberta, mais livre e despojada, recorrendo à memória de tempos passados e envolvendo a música e a pintura no seu itinerário. Luís Filipe Castro Mendes inicia nova trajetória onde o amor e a morte nunca deixam de estar presentes. Um sopro de nostalgia e felicidade expresso em tom bucólico ressalta dos seus versos e surpreende pela beleza sugerida